

REALIDADE E FICÇÃO: HÁ HISTÓRIA NAS OBRAS LITERÁRIAS?¹

REALITY AND FICTION: IS THERE HISTORY ON LITERARY PIECES?

Elisangela Cristina BASSO *

RESUMO: Este artigo visa discutir as possibilidades da utilização de textos literários como fonte histórica, tendo como referência o exemplo machadiano.

UNITERMOS: literatura; história; Machado de Assis.

ABSTRACT: This article aims to discuss the possibilities of using literary texts as historical sources taking Machado de Assis work as a reference.

UNITERMS: literature; history; Machado de Assis.

A literatura, guardando as devidas especificidades, tem algo em comum com a história: ambas registram acontecimentos. Apesar de a literatura ser uma elaboração da imaginação do artista, ela incorpora o universo de sua época, misturando realidade com ficção. Na obra literária, muitas vezes, os personagens ficcionais se confundem com os da vida real. Desse modo, mesmo sem o compromisso com a objetividade científica, característica da história, a literatura recria tensões típicas da sociedade em que foi produzida, uma vez que é

* É graduada em História pela UNICEP - Centro Universitário Central Paulista - São Carlos/SP.

¹ Este texto é parte do trabalho de conclusão de curso realizado junto a UNICEP - Centro Universitário Central Paulista - São Carlos/SP.

resultante da construção humana e social, já que cada indivíduo traz consigo sentimentos, experiências, ações, enfim, aspectos de sua época. Um bom exemplo dessa relação é a reprodução na ficção de valores morais e crítica social, que aparecem nas obras, muitas vezes, em forma de denúncia sócio-política.

Essa relação entre o contexto histórico e a obra literária transcende o seu caráter puramente artístico, transformando-a também em uma possível forma de registro dos acontecimentos da sociedade no decorrer dos tempos, o que tem permitido ao historiador assumí-la como uma fonte de pesquisa.

Dessa maneira, a história e a literatura trabalham com memórias e as constroem, como registros de gerações e grupos sociais. Por um lado, a literatura trabalha com as possibilidades, em que projetos, desejos e frustrações são recuperados. De outro, a história registra e analisa, de forma empírica e metódica, fatos, acontecimentos políticos, sociais, econômicos já decorridos. De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko (1983), a literatura pode ser vista como um produto do tempo, que trabalha com hipóteses e não com a realidade. Isto significaria que a literatura cria, através do discurso, um universo de idéias originadas da vida real, mas que apenas revela aspectos que poderiam acontecer. A História, por sua vez, narra acontecimentos, fatos ocorridos. Em suas palavras:

Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real. Nesse sentido, enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser.(SEVCENKO, 1983, p.20)

Com base nas palavras de Sevcenko (1983), que coloca o historiador como alguém preocupado com a realidade, com o que realmente aconteceu e propondo-se a pesquisar esses fatos, teríamos

o literato como alguém que trabalha com a possibilidade, como se fosse uma história de desejos não concretizados, de idéias não realizadas, ou uma busca incessante de trazer para a ficção momentos da vida real, ou melhor, momentos que ficaram marginais aos verdadeiros acontecimentos.

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 1983, p.21)

Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998), na apresentação do livro *A História contada*, que reúne vários textos sobre as várias possibilidades da relação história e literatura, apesar de concordarem com as colocações de Sevcenko, afirmam que a literatura poder ser tomada como fonte. Ocorre que se faz necessário que o historiador utilize, nesse caso, o mesmo rigor metodológico colocado nas pesquisas em livro de atas, depoimentos, jornais, revistas, etc. Segundo eles: “O bê-á-bá do ofício do historiador social é o mesmo, na análise da fonte literária, parlamentar, jornalística, jurídica, iconográfica, médica, ou seja lá o que mais”. (CHALHOUB, 1998, p.08)

Diante dessa possibilidade, procurar-se-á apontar alguns dos cuidados metodológicos que o historiador deve ter ao tomar a literatura como fonte.

Fontes literárias: a busca pelo não dito

A passagem do século XIX para o XX foi marcada por mudanças radicais em todos os aspectos da sociedade brasileira. Essas mudanças, além de serem registradas pela história, também foram registradas pela literatura, bem como pelos fatos que se transformaram em literatura. Esse período caracterizado por *Belle Époque* foi o

período de maior ápice para a literatura. Esta, por sua vez, sofria as influências da cultura européia não só no Brasil como no mundo. A literatura procurou observar, entender e expressar o que estava acontecendo no país e no mundo. Inicialmente, ela procurou enfatizar o nacionalismo, idéia próxima ao romantismo, pois estava sendo escrita para as elites nacionais. Esse prestígio dado à literatura fez com que ela se transformasse num instrumento importante e eficaz para a propaganda intelectual.

Contudo, pouco tempo depois, essa idéia de ufanismo foi substituída por um sentimento crítico, um sentimento de denúncia social, apresentada cada vez mais pelo uso de metáforas, que substituíam o texto artístico, decorativo, pelo texto artístico objetivo e utilitário.

Dessa maneira, ainda hoje, para se compreender um texto literário, seja crônica, conto, poesia ou romance, deve-se contextualizar a obra no seu tempo. Da mesma forma, se faz necessário contextualizar o que estava acontecendo na época, para quem se estava escrevendo e qual o objetivo do texto. Lembrando, ainda, que a vida, a história do autor e suas experiências podem estar influenciando as obras, pois o mundo representado dentro do seu texto literário nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica, ou seja, a obra reflete os impactos históricos, mesmo que indiretamente.

Por tudo isso, a literatura serve ao historiador como fonte documental, desde que a trate sob uma perspectiva social, ou seja, localizando-a no seu tempo. Sendo assim, é necessário estabelecer certos cuidados metodológicos que o historiador deve ter ao trabalhar com a literatura enquanto fonte histórica.

Segundo o historiador Sidney Chalhoub (1998), ao trabalhar com a literatura, o historiador deve fazer um interrogatório sistemático, uma investigação sobre a ficção e a realidade, enfim, deve saber interpretar a obra, buscando a sua lógica. Este deve ser o ponto de partida obrigatório a ser utilizado pelo historiador. Em suas palavras:

É preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico. (CHALHOUB, 1998, p.07)

Como foi dito anteriormente, de acordo com o historiador Nicolau Sevcenko (1983), a literatura é um produto do tempo e da sociedade, que serve como referência para a compreensão e análise da realidade de uma determinada época; portanto, as obras literárias são materiais que podem ser consideradas como fontes históricas. Porém, devem obrigatoriamente ser lidas e interpretadas, levando-se em consideração o uso das metáforas e o contexto histórico. Nicolau Sevcenko (1983), em *Literatura como Missão*, enfatiza com exemplos que é possível escrever sobre o mesmo assunto, tanto na visão histórica como na visão literária. A diferença está no uso das metáforas, no efeito semântico utilizado pela literatura que se preocupa com a beleza das palavras, ou melhor, fantasia as palavras. Por seu turno, um texto histórico não está preocupado na decoração das palavras e sim em relatar o fato única e simplesmente. Segundo ele: “Dessa forma, lê-se a história simultaneamente ao ato de ler-se literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura” (SEVCENKO, 1983, p.241).

Entretanto, merece ser considerado ainda outro ponto que pode nortear um questionamento sobre a validade científica de um trabalho historiográfico que utiliza como fonte documental textos literários: a diferença entre a ficção e a realidade. Porém, além das suas diferenças e semelhanças que já foram ditas, pode-se dizer que um dos pontos que interliga a história e a literatura é a narrativa, por isso a história, além de construir um conjunto de acontecimentos históricos já descobertos, utiliza a reconstituição desses acontecimentos e a criação de novos acontecimentos pelo historiador, e a literatura, por sua vez, pode ser também compreendida como uma reconstrução de fatos sociais inseridos num mundo imaginário.

É partindo dessa perspectiva que a literatura tem contribuído para desvendar momentos importantes de nossa história, como demonstram os trabalhos reunidos no livro *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, organizada pelos historiadores Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Sidney Chalhoub (1998). Com a proposta de refletir sobre a literatura na perspectiva da história social, os historiadores investem na idéia de historicizar a obra literária, inserindo-a no movimento da sociedade, investigando os meios possíveis de ligação entre a literatura e a história e a maneira como a obra literária representa ou constrói a sua relação com a realidade social.

Com base nesse livro, os historiadores buscam, através das obras de alguns literatos, pontos pertinentes que evidenciem fatos históricos, cujo objetivo não é a substituição da fonte imaginária pela história, mas a criação de um caminho que aproxime ficção e realidade.

Organizada em doze capítulos, a obra reúne artigos de vários historiadores que utilizam textos literários com o objetivo de refletir sobre a literatura brasileira, do ponto de vista histórico.

Dessa maneira, a primeira parte do livro reúne quatro análises sobre Machado de Assis, sendo a primeira do historiador inglês John Gledson (1991), que trabalha com dois contos machadianos. Gledson demonstra como a ficção de Machado está ligada aos acontecimentos da época e qual é a visão do literato diante dos fatos. Na sequência, Jefferson Cano, através das correspondências entre Machado e Capistrano de Abreu, procura mostrar que o literato era um observador perspicaz das questões referentes à formação social brasileira. Cano também se empenha em decifrar no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em meio a devaneios e realidades, os problemas e as crises que o Brasil do “Antigo Regime” estava enfrentando. O terceiro artigo, “A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da história”, de Lúcia Granja, procura recuperar os primeiros anos de Machado de Assis como escritor, ainda no papel de jornalista, quando faz referências à Guerra do Paraguai. Finalizando essa primeira parte, segue o artigo de Sidney

Chalhoub, que procura demonstrar, através dos romances *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, questões pertinentes à sociedade patriarcal. O historiador evidencia os diálogos políticos entre os senhores e os subalternos, mostrando que estes, apesar de submissos e dependentes, tinham o poder de lutar por seus interesses, mesmo que não diretamente, ou desacatando a ordem senhorial.

Desse modo, o historiador social passa a tomar as obras literárias como fonte histórica e, a partir dessa idéia, a pesquisa toma como referencial o literato Machado de Assis, que cada vez mais tem sido tomado como interlocutor para se compreender melhor a sociedade brasileira do século XIX, pois, através de suas obras, pode-se verificar que, além de literato, ele era um observador crítico do seu tempo, dentro da sociedade de que fazia parte.

A seguir, detalharemos como o trabalho de Machado vem sendo trabalhado pela visão histórica.

Literatura e história se encontram: Machado de Assis, testemunha de seu tempo

Joaquim Maria Machado de Assis, que viveu entre 1839 e 1908, foi um dos maiores e mais críticos autores da literatura brasileira de todos os tempos. Dotado de uma visão crítica e audaciosa, encarou a sociedade do seu tempo de uma maneira diferente, expondo e denunciando a realidade daquela época em suas obras, o que gerou grande interesse por parte de estudiosos de diversas áreas das ciências sociais. Os historiadores vêm estudando as obras machadianas já faz algum tempo, buscando evidenciar o olhar oblíquo do escritor em relação à sociedade. Sendo assim, onde estaria a história em Machado de Assis? Como o autor a revela através de seus personagens? São essas as questões que tentaremos responder com exemplos e argumentos dos historiadores aqui abordados.

Como foi dito anteriormente, a coletânea *A História Contada*, organizada por Sidney Chalhoub e Leonardo de Miranda Pereira (1998), focaliza difíceis questões relacionadas à construção de uma “história nacional”, diante de um debate do literato com os historiadores de sua época, ou questões presentes dentro dos próprios diálogos dos personagens fictícios criados por Machado. Os autores dos artigos de *A História contada* abrem possibilidades de uma interpretação voltada para o diálogo do literato com o seu tempo, sempre com a preocupação em não tomar a obra enquanto um discurso fiel desse tempo, mas como produto de uma série de questões que envolviam tanto o autor da obra quanto os seus leitores.

Nesse debate encontramos o primeiro artigo “História do Brasil em papéis avulsos de Machado de Assis”, escrito por John Gledson (1998), cujo objetivo principal é discutir a visão do literato com relação à História do Brasil e qual o desempenho dessa percepção no decorrer da história. Gledson (1998) afirma, ainda, que os contos reunidos sob o título *Papéis avulsos*, publicado em 1882, ao primeiro contato, não parecem se constituir em um material interessante sobre as idéias de Machado, porém, esses textos apresentam os mesmos elementos de outras obras: as críticas, o realismo, as alegorias e as metáforas. Sendo, assim, apesar da simplicidade do título, os contos revelam muito sobre seu autor.

Gledson (1998) evidencia que a identidade nacional é a principal questão abordada nesses contos, porém é uma identidade expressada através da identidade pessoal dos personagens principais, como Jacobina, personagem principal do conto “O Espelho” (1882). Esse conto narra a história de Jacobina, um homem fechado, que não se abria com ninguém e nem expunha suas idéias, até que um dia teve de expor o que pensava. O personagem narra, então, uma história de sua juventude, na qual reflete sobre a alma humana, dizendo que o homem possui duas almas, a interior que corresponde à subjetividade, aos sentimentos, emoções, pensamentos íntimos e pessoais, e a alma exterior, que é a imagem que as pessoas fazem uma das outras. Nesse momento ele diz que, em sua juventude, a alma exterior

“eliminou” a interior, pois ele era pobre, e quando foi nomeado alferes da Guarda Nacional, esse acontecimento fez com que ele se sentisse alguém importante na sociedade. A partir de então, Jacobina esteve apenas preocupada com a sua aparência e o seu status perante à sociedade. E o leitor pode-se perguntar, e o espelho? O espelho foi comprado por uma das fidalgas portuguesas que vieram com a Corte, em 1808, porém este estava corroído pelo tempo. Além desse fato, é interessante observar que esse espelho também pode estar tentando refletir o que acontecerá no futuro e, ao mesmo tempo, com sua moldura “comida pelo tempo”, caracteriza a cultura portuguesa do século XVII. Esta, por sua vez, era a cultura que os brasileiros herdaram. Enfim, o conto pode ser caracterizado como um esboço sobre a alma humana e a degradação da sociedade devido à ganância e à conquista do poder a qualquer custo.

Em “Verba testamentária” (1882) também nota-se a figura de Nicolau, personagem subalterna do Regime colonial, que se preocupa com a sua imagem, com os adornos triviais. É um sujeito invejoso e fraco, que pode caracterizar e representar a história do surgimento de uma consciência nacional em relação aos fatos políticos e sociais. Após essa análise, nota-se, tanto no conto “O Espelho” quanto em “Verba Testamentária”, o uso de alegoria por Machado, conceito que pode ser definido como uma metáfora ou uma comparação, ou seja, um jogo de palavras em que o autor se refere a algo cujo significado está nas entrelinhas, confundindo o leitor, mas é essa a intenção de Machado. Por isso, compreender o conceito de alegoria é fundamental para se compreender o pensamento do literato, pois, ao falar de seus personagens, o autor falava na verdade do Brasil e esse tipo de metáfora também era comum em seus romances.

John Gledson (1998) procurou mostrar, neste artigo, os termos alegóricos utilizados pelo literato, o papel da literatura na construção da identidade nacional e o pensamento histórico de Machado, pois, tanto nos contos como nos romances, Machado sempre faz referências históricas, ou seja, ele situa a história da obra, a ficção narrada na época em que se passa o enredo. O historiador acredita,

ainda, que as idéias de Machado sobre a História do Brasil ocupam uma posição central na ficção e que esta posição é relacionada à questão da identidade nacional.

O segundo artigo da coleção, “Machado de Assis, historiador”, de Jefferson Cano (1998), o autor apresentou informações preciosas sobre questões relacionadas com a historiografia brasileira. Partindo da correspondência entre Machado e o historiador Capistrano de Abreu, mostra a admiração que este tinha pelo literato, pois, no contato entre ambos, há possíveis debates sobre o sentido histórico e político da literatura. Cano (1998) objetiva identificar o conceito de história em Machado, em contraste com o que era formulado e se impusera a partir dos moldes do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Jefferson Cano (1998), assim como John Gledson (1998), também se refere ao uso de alegorias nas obras de Machado, como a associação do personagem Brás do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) com o Brasil. O historiador ainda relata que o IHGB, do qual faziam parte historiadores tradicionais, objetivava escrever uma história para o Império com o intuito de construir a identidade do país como nação. Machado criticava essa visão da história tradicional e, por isso, em suas obras tentava transmitir os problemas políticos e sociais, como em *Iaiá Garcia*, de 1878, em que procurou retratar a crise da política de dominação patriarcal, marcada pelo antes e depois da Guerra do Paraguai.

Entretanto, o terceiro artigo, “A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da história” de Lúcia Granja (1998), aborda os primeiros anos de Machado como escritor de crônicas jornalísticas publicadas no jornal *O Diário do Rio de Janeiro* e na revista *O Espelho*. Machado também escreveu em *A Semana Ilustrada* e no *Jornal das Famílias*, entre os períodos de 1860 a 1875.

Machado foi contratado para *O Diário* pelo amigo Quintino Bocaiúva, em 1860. Nesse período, o jornal assume uma posição mais crítica, determinada a combater, por meio das palavras, o

processo político da sociedade da época, colocando-se ao lado das idéias liberais. Através desse jornal, Machado registrou os acontecimentos da época de uma forma especial; desde esse tempo, passou a ampliar a sua visão crítica sobre a sociedade e nesses artigos, que eram crônicas da semana, abordava temas como o cotidiano da sociedade, a política e acontecimentos públicos e sociais. O autor, que assinava esses textos com os pseudônimos “Gil” ou “M.A.”, dava mais importância aos assuntos políticos, criticando as ações governamentais. Dessa maneira, como mostra Lúcia Granja (1998), desde os tempos jornalísticos, Machado de Assis já se destacava entre os escritores da época, pela sua reflexão sobre os fatos, pela sua posição de superioridade e pela expressão de suas idéias. Desde aí já era característica de seus textos a posição de autoridade que vai caracterizar toda sua obra. Machado utilizava-se dos fatos, dos acontecimentos históricos e culturais do seu tempo, objetivando manipular o leitor por meio das palavras, a favor de sua posição e da composição de sua narrativa.

Portanto, desde o começo de sua carreira de escritor, Machado cronista constrói seu texto primeiramente com os fatos simples da sociedade; com o passar dos anos, seus escritos passam a ser mais maduros, enriquecidos pela sua visão estrutural da sociedade.

Se existe, assim, alguma relação entre o historiador e o contador de histórias nos escritos de Machado, podemos dizer que ela acontece da seguinte maneira: as estratégias literárias do contador de histórias estão a serviço, muitas vezes, da descoberta das reais opiniões do narrador machadiano sobre os fatos. (GRANJA, 1998, p.91)

Lúcia Granja (1998) adverte ainda sobre os cuidados que o leitor deve ter ao ler as obras do literato, pois julga necessário refletir, a partir de seus desvios, qual a mensagem que está inserida no texto e o que Machado quer passar para a sociedade e para o seu leitor através de suas palavras.

Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que, ao compor suas histórias, Machado estava atento às principais questões de seu tempo, o que é notado através de seus enredos, seja crônica, romance ou contos, e desde já afirmamos que há muito mais por trás das palavras do que possa se imaginar. Machado escreve nas entrelinhas suas mensagens, suas opiniões, aliás, é a sua maneira crítica e objetiva encarar a sociedade em que viveu. Suas críticas enfatizam não só a sociedade, mas também as ações dos indivíduos inseridos nessa sociedade.

Em seguida, concluindo essa primeira parte, o quarto e último artigo, que trata da visão crítica de Machado, intitula-se “Diálogos políticos em Machado de Assis”, do historiador Sidney Chalhoub (1998), o qual levanta questões sobre as políticas de dominação e políticas paternalistas que vigoravam na sociedade brasileira do século XIX. Segundo a historiografia tradicional, na sociedade patriarcal os senhores controlavam a economia, a política, não reconheciam os direitos das pessoas, e a sociedade era uma instituição definida verticalmente, ou seja, era uma relação de hierarquia, autoridade e dependência. Contudo, Machado quer mostrar outra visão (diferente do ponto de vista tradicional), ou seja, que, apesar de dominados, os subalternos encontravam meios para conseguirem realizar seus objetivos.

Dessa maneira, Sidney Chalhoub (1998) procurou evidenciar as estratégias de subordinação utilizadas pelos senhores patriarcais, mas, como no próprio artigo diz, “o paternalismo é um mundo idealizado pelos senhores, a sociedade imaginária que eles sonhavam realizar no cotidiano” (CHALHOUB, 1998, p.97). Por exemplo, as práticas autônomas dos subalternos só existiam porque o Senhor permitia, mesmo sem perceber, o patriarca acabava sendo “vítima” de suas próprias estratégias, ou seja, os subalternos alcançavam seus objetivos através do diálogo, enganando, convencendo o senhor de que tal idéia seria boa para o senhor, e este acreditava, certo de que apenas a sua vontade estava sendo feita. Então, pode-se afirmar que o mundo tão sonhado, imaginado pelo Senhor, era um mundo ilusório, impossível de se realizar.

De acordo com Sidney Chalhoub (1998), Machado de Assis, interpretou perfeitamente o discurso político dessa sociedade, evidenciando, através dessas obras literárias, o papel dos subordinados em relação ao poder do Senhor Patriarcal. Como John Gledson (1991) que, em sua obra *Machado de Assis: Impostura e Realismo*, se propôs mostrar uma nova visão sobre *Dom Casmurro* (1899), a propósito da dificuldade em provar a culpa ou a inocência de Capitu. Além de analisar a própria obra de Machado, o autor objetiva fazer um panorama da sociedade brasileira do século XIX, pois no romance há muito mais para ser compreendido do que se imagina.

Por exemplo, em *Helena* (1876), a mocinha esperta quer passear a cavalo, mas não quer pedir ao seu irmão diretamente; então, para conseguir o seu objetivo, ela argumenta, inventando uma história, mas o que faz é induzi-lo para alcançar o que deseja. Na verdade, Helena já sabia andar a cavalo, porém ela mente dizendo que quer aprender, sendo esse o meio para que ela consiga sair sem que haja problemas e inconvenientes.

Primeiramente, em nenhum momento a vontade do senhor é questionada, mas isso não significa que os subordinados eram totalmente passivos, pelo contrário, eles estavam cientes de sua posição perante à sociedade, e em meio à opressão perseguiram seus direitos de sobreviver, por isso utilizavam-se dos estratagemas do discurso político.

Em suma, pode-se dizer que todos esses historiadores que abordaram obras de Machado de Assis referiram-se ao uso da alegoria por parte do literato e afirmaram que, através da história pessoal, ele procura contar a história do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.) *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *História e Literatura*. In: *À Beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro (1899)*

_____. *Helena (1876)*

_____. *Iaiá Garcia (1878)*

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)*

_____. *Papéis Avulsos (1882)*

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.